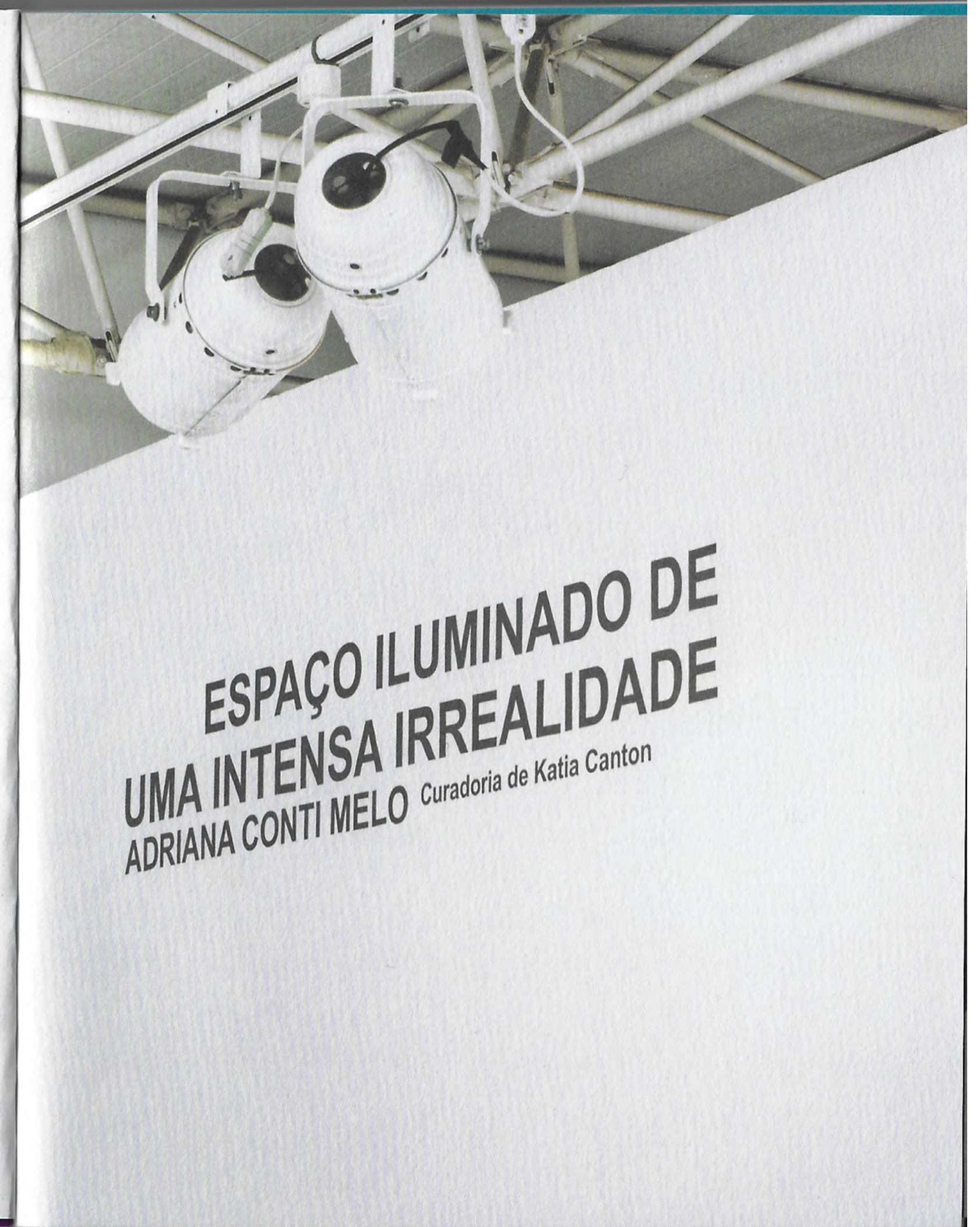


ESPAÇO
ILUMINADO DE
UMA INTENSA
IRREALIDADE

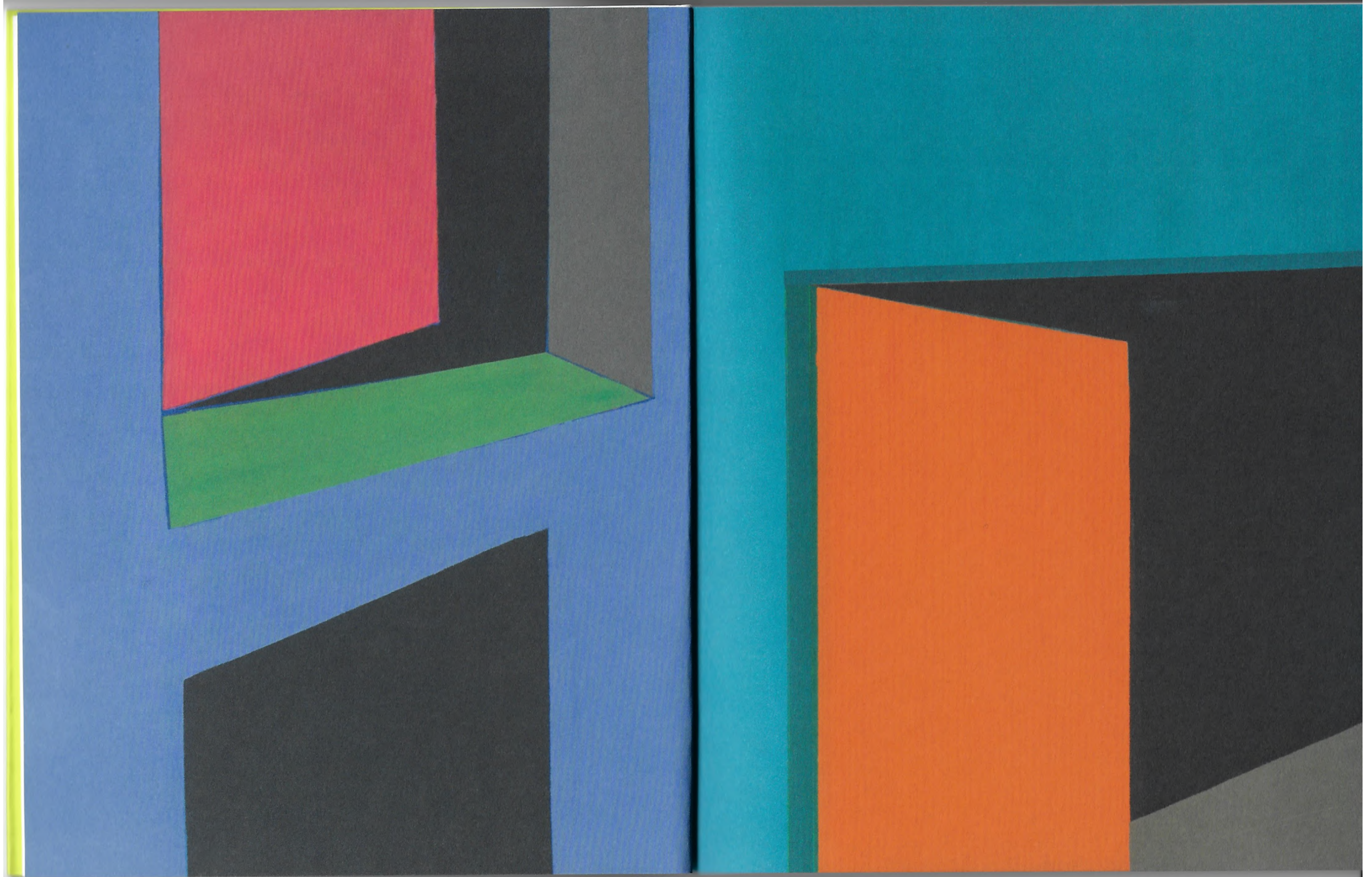
ADRIANA CONTI MELO

Apoio:



ESPAÇO ILUMINADO DE UMA INTENSA IRREALIDADE

ADRIANA CONTI MELO Curadoria de Katia Canton





As coisas são descobertas por meio das
lembranças que se tem delas, relembrar uma coisa
significa vê-la — apenas agora, pela primeira vez.

Cesare Paveze



ESPAÇO
ILUMINADO DE
UMA INTENSA
IRREALIDADE

Passagens fechadas, corredores falsos, degraus que conduzem a portas que não levam a espaço nenhum. É justamente na impossibilidade de desembocar num lugar fora, que a obra de Adriana Melo toma corpo, voltada para o lugar dentro, para as intimidades e as verdades da própria construção da pintura.

Vejamos como tudo começou. A artista costumava pintar cenas com objetos abandonados, daqueles que costumam ficar num canto, indicando a existência de uma vida íntima, reclusa. Eram coisas como uma cadeira, alguns objetos de limpeza, como baldes, vassouras, rodos, pás, luvas e enceradeiras, ou ainda um pedaço de mangueira enrolada. Eram registros de invisibilidade, demarcando algo que está ali, mas que passa despercebido em sua existência de desimportância. Era como se Adriana colocasse uma lupa ou um binóculo e captasse o detalhe quase escondido de uma cena

maior, que deveria encobrir aqueles pequenos hiatos, aqueles silêncios que ecoavam nos objetos esquecidos ali.

No trabalho atual, ela desejou aumentar o grau de complexidade de sua pintura. E isso, na verdade, implicou uma inversão de visão. voltasse para dentro.

Isso porque as passagens que ela agora cria não conduzem para fora. Elas nos reviram para a interioridade da própria construção pictórica. Eis a complexidade. Adriana Conti Melo fez crescer suas telas e sobre elas, passou a construir um universo próprio de camadas, com planos de cor, jogos de perspectivas imperfeitas, linhas que cortam a superfície e acabam ganhando um lugar graças a cor.

A artista não teme o pincel. Há em cada uma de suas telas um investimento intensivo no gesto da mão, que começa recobrando as grandes telas de negro, sobre o qual outras cores vão sendo adicionadas. Enquanto as cores sobem, os contornos aparecem e uma estranha arquitetura se materializa.

Resulta-se num singular labirinto, numa beleza que também é repleta de estranhamento.

É interessante pensar aqui em como a prática artística contemporânea negocia constantemente com a condição da

existência. Existência como lugar de pertencimento e, ao mesmo tempo, como perturbamento, que se mescla à realidade dos afetos, das banalidades, dos ecos do nosso próprio silêncio.

Nessas passagens que não nos guiam a lugar algum, nos resta ficar na própria companhia e presença. Penetrando as telas de Conti Melo com o olhar, permanecemos em nossas próprias entranhas. Estamos ali, longe de casa, mas ainda assim passíveis de captar algum resíduo de familiaridade e afeto.

Nos contornos dos degraus, na angularidade de alguma porta ou rampa podemos associar memórias, encantados que estamos com a gradação de cores, com os contrastes de planos, as sobras de cor e de traços que revelam a fatura em certos detalhes da superfície. Nesse momento, então, podem surgir relações de tempo e espaços—identificações com detalhes de lugares que já vimos ou já vivemos. Cria-se ali, um passeio pela própria história, o que presenteia a pintura com um instante de iluminação.

Katia Canton

A SPACE
ILLUMINATED
BY AN INTENSE
UNREALITY

Enclosed passages, false corridors and stairs leading to doors that lead to nowhere. Adriana Conti Melo's work is shaped as a result of its inability to relate to an external place. Her work looks at the inside, at the intimacies and the truth of the construction of painting itself.

Let's see how it all started. The artist used to paint scenes comprised of abandoned objects, usually seen in a corner, indicating the existence of a private and secluded life. These objects were a chair, a set of cleaning material, buckets, brooms, squeegees, shovels, gloves and floor polishers, or even a rolled up hose. They were records of invisibility indicating that something is there, but it has gone unnoticed due to its unimportant existence. It was as if Adriana placed a magnifying glass or a binocular to capture that almost hidden detail, which is part of a larger scene and whose role is to cover both those tiny little gaps and the silence that echoed in the forgotten objects.

In her current work, she's decided to increase the level of complexity in her painting. In order to do so, the artist had to reverse her view, as if her binocular, which used to focus on a small outer place, began to focus on the inside.

Now, the passages she currently creates do not lead to the outside. They take us to the interiority of the pictorial construction itself.

And this is where the complexity lies. Adriana Conti Melo created her paintings based on these passages and she began to create her own universe of layers with color planes, imperfect perspectives, lines that cross the surface and are brought to life by color.

The artist is not afraid of the paintbrush. In each of her paintings she intensely uses a hand gesture that, first, covers her large canvases with a black color onto which other colors will be progressively added. And as the colors appear, the contours emerge and a strange architecture is materialized.

The result is a unique maze that is both beautiful and unsettling.

It is interesting to think how the contemporary artistic practice is constantly negotiating with the condition of existence. Our existence is perceived as both a place of belonging and disturbance that blends with the reality of affections, of banalities and of the echoes of our own silence.

In these passages that lead us to nowhere, the best we can do is to keep our own company and presence. As our eyes penetrate Conti Melo's paintings, we remain inside ourselves. We are there, away from home, but we still see a sign of familiarity and affection.

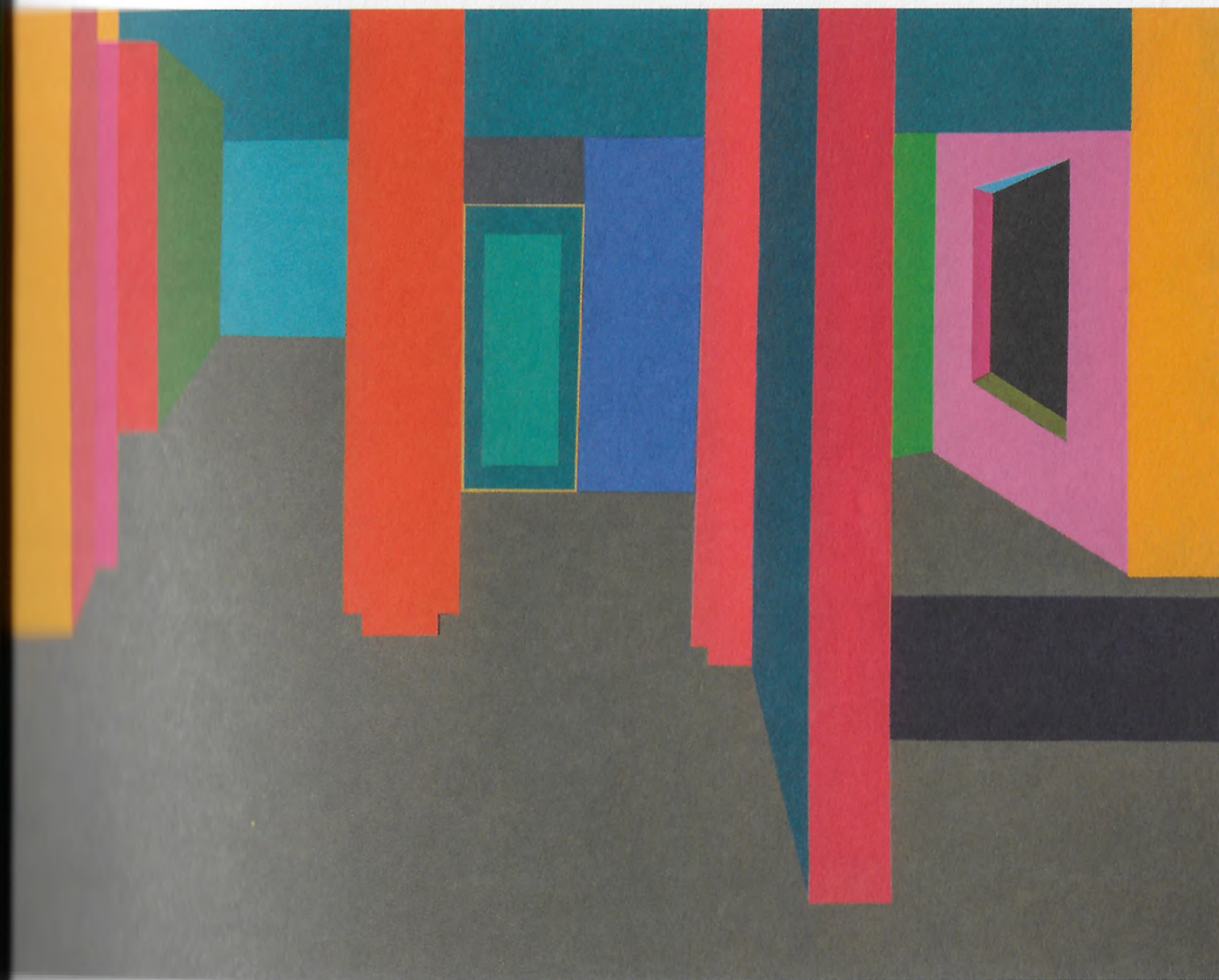
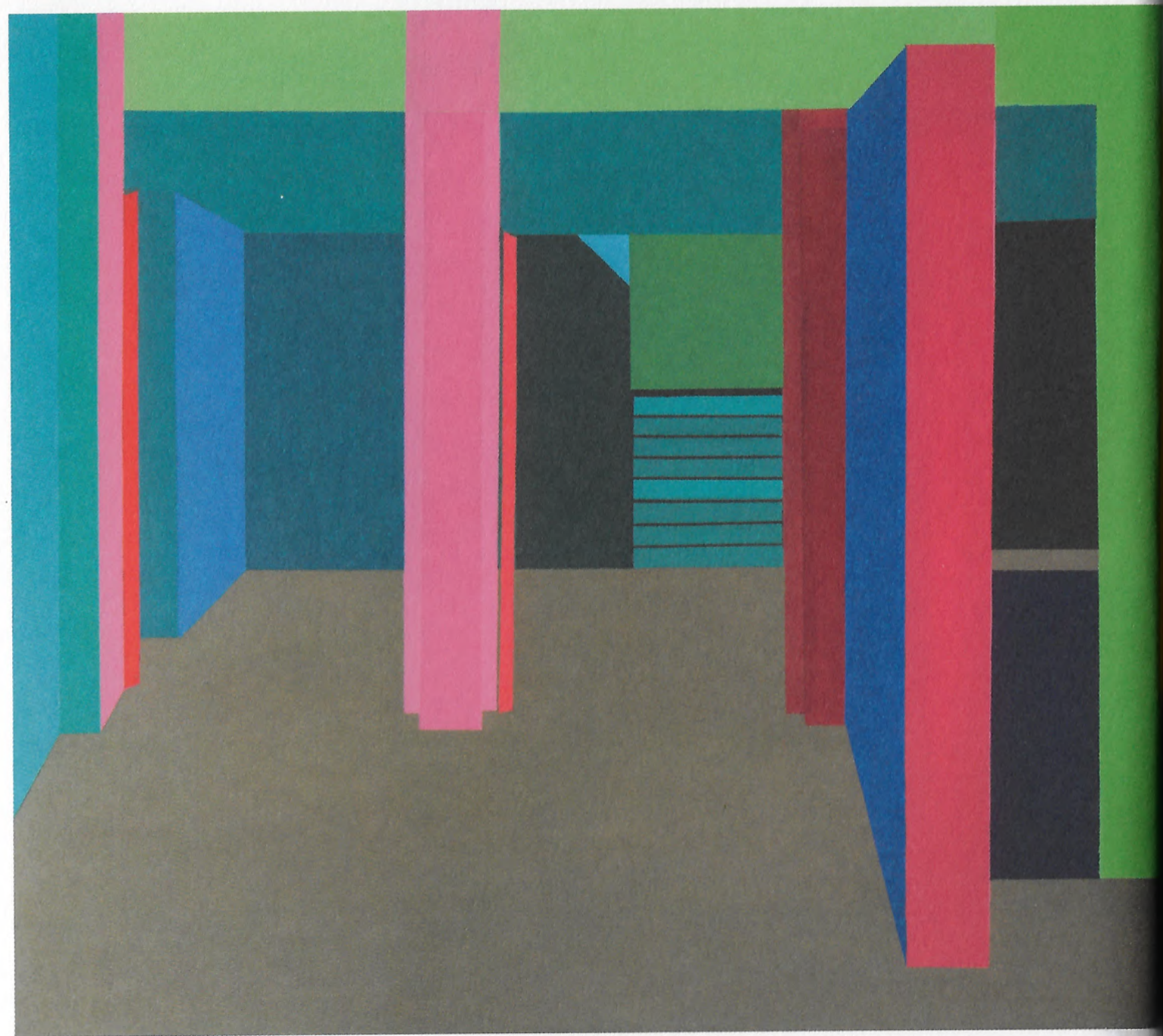
To the contours of the stairs, to the angles of a door or a ramp we may associate memories, for we are enchanted by the gradation of colors, by the contrast of planes as well as by the residual colors and lines that reveal the richness of details in the surface. At this moment, space and time relations may emerge — we may identify these details in places we have already seen or in which we have lived. And, there, a walk into history itself is created and this gives the painting a moment of illumination.

Katia Canton









Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças tem refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios.

Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas” ou “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos.

Gaston Bachelard

Páginas anteriores | Previous pages:

Mundo isento de rumores | *World with no rumors*
a.s.t. 1,20 x 1,40

Colorindo as horas cotidianas | *Coloring the daily hours*
a.s.t. 1,05 x 1,40

Um lugar é bom quando a gente pode fugir pra outro
One place is good when we can run away to another
a.s.t 1,00 x 1,20



Não haverá nunca uma porta
There will never be a door
a.s.t. 1,80 x 2,00



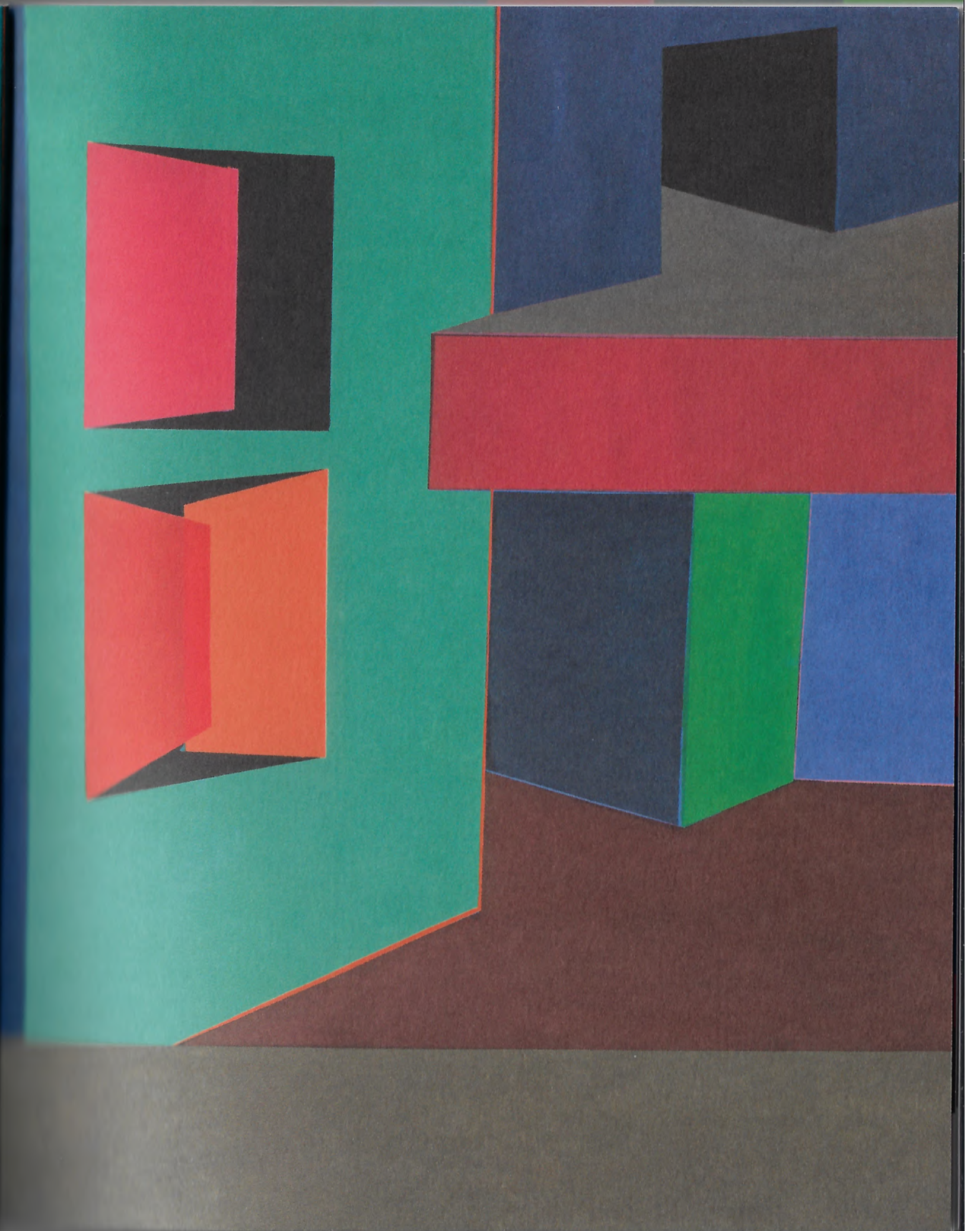
Entre nu | Enter nude
a.s.t. 1,50x1,80

Páginas siguientes | Next pages:

Este eterno mismo lugar I | This eternal same place I
a.s.t 1,50 x 1,80

Este eterno mismo lugar II | This eternal same place II
a.s.t 1,50 x 1,80





Explorando seus esconderijos | Exploring your hiding places
a.s.t. 1,30 x 1,60



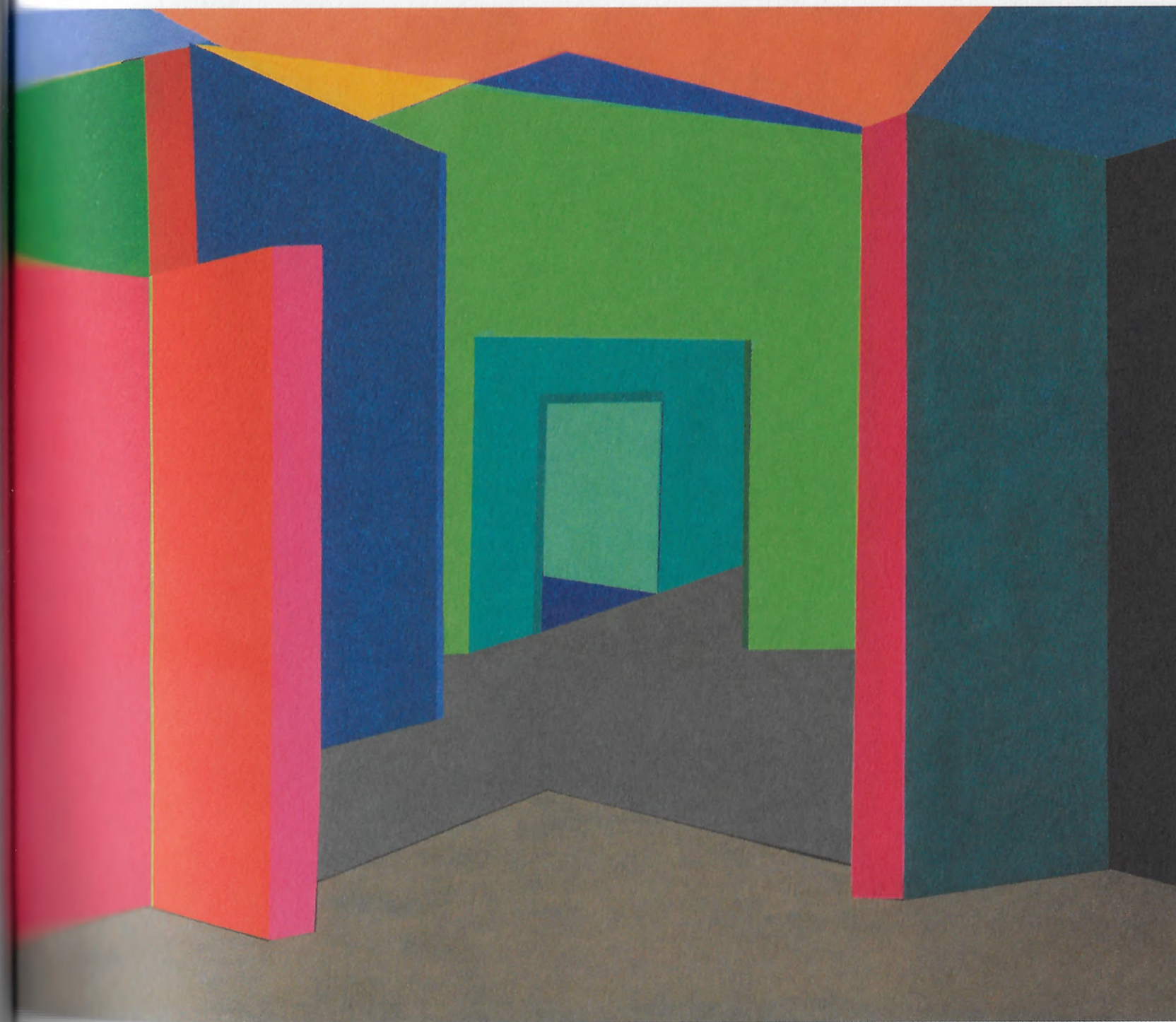
Sempre em busca de novas descobertas | Always looking for new discoveries
a.s.t. 1,50 x 1,70



Espaço para suas próprias emoções | Space for your own emotions
a.s.t. 1,50 x 1,70

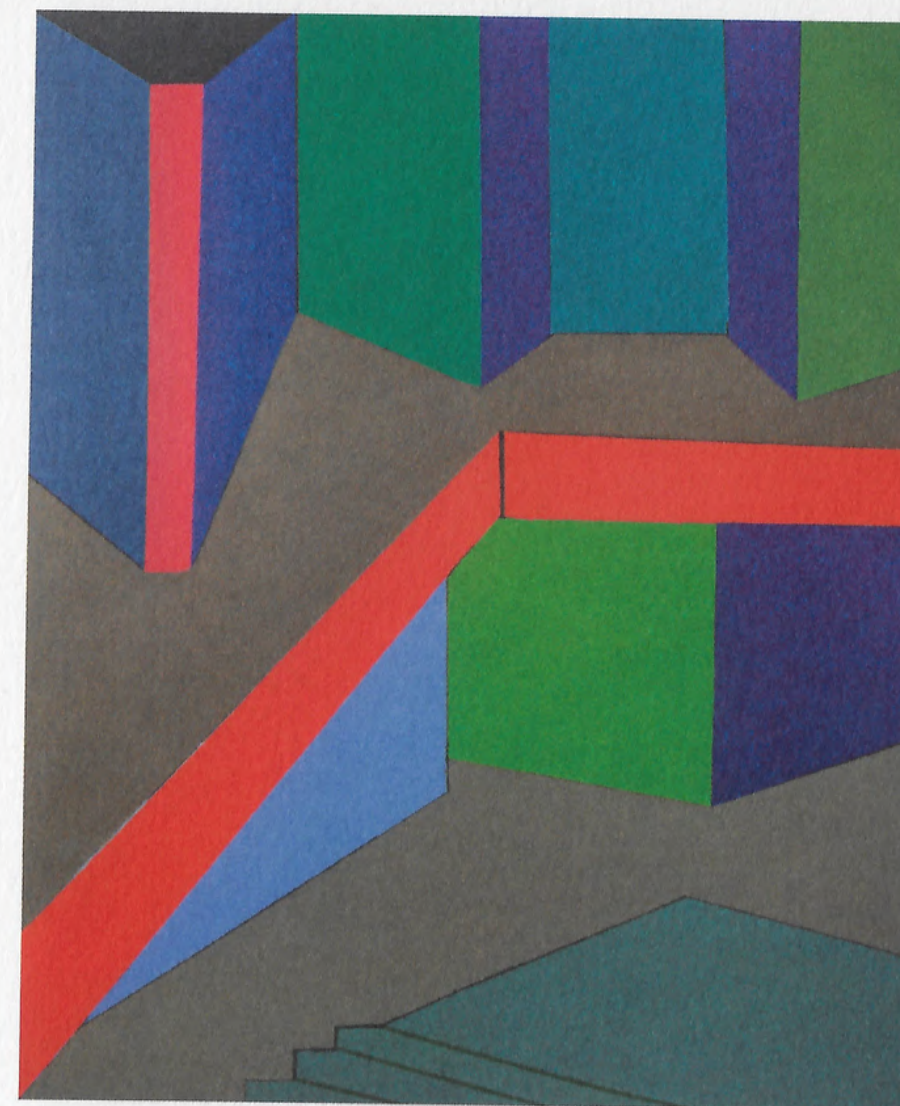


Eu me distraio a construir castelos | I distract myself when I build castles
a.s.t. 1,20 x 1,60





Em tudo há algo de inexplorado | In everything there's something unexplored
a.s.t. 0,80 x 1,00



Nem tudo está sumindo | Not everything may be disappearing
a.s.t. 1,00 x 0,80



TRAJETÓRIA

Estás dentro



Pontes

Há uma série de trabalhos de Adriana Conti Melo que prenuncia as pinturas da exposição Estás Dentro. São telas muito interessantes, atestando o domínio pictórico da artista paulistana e que continuam a investigação anterior de sua obra, desdobrando os registros de bastidores. Contudo, o que mais prende a atenção é como a figuração parece perder sua função central. As composições que servem de fundo ganham cada vez mais uma posição primordial, necessária, e amenizam a centralidade das coisas que 'posam' para os pinceis de Conti Melo. Assim, uma cadeira banal de escritório e um sino decorativo de quintal, por exemplo, se mimetizam e se fragilizam frente ao sedutor jogo de planos, linhas e cores criado pela artista.

Agora, com as pinturas da série Lugares Labirínticos, essas arquiteturas que guardam algo de imaginação, virtualidade e indefinição tomam conta dos chassis, resultando em trabalhos de grande fisicalidade – Não Haverá Nunca uma Porta, por exemplo, mede 1,80 m x 2 m. Ao enfatizar esses elementos que oscilam entre uma realidade palpável e projeções que ficam apenas no nível das ideias, Conti Melo cria uma senda de riscos, mas, ao mesmo tempo, adere a uma indeterminação e a uma ambiguidade contemporâneas que trazem mais inquietude à sua poética.

"Estou buscando um lugar, mas ainda não sei qual", alerta a artista. "Diante da perseguição de uma nova realidade baseada em arquiteturas nômades, espaços midiáticos, não lugares e interconexões no ciberespaço, qual é o alcance da crise da ideia já convencional de lugar? A arquitetura como espaço e a cidade como estrutura articulada

serão dissolvidas ou, pelo contrário, o espaço e o lugar sempre serão necessários devido à sua função de legibilidade e identidade?"¹, questiona o crítico espanhol Josep Maria Montaner. "O lugar e o não lugar – como o espaço e o antiespaço – são polaridades extremas. O espaço quase nunca é delimitado perfeitamente, da mesma maneira que o antiespaço, quase nunca é infinitamente puro. O lugar também nunca poderá ser totalmente eliminado e o não lugar nunca é fechado radicalmente. Em nossa condição presente, espaços, antiespaços, lugares e não lugares entrelaçam-se, complementam-se, interpenetram-se e convivem."²

Nesse híbrido cenário – não à toa uma das novas telas, *Abismo Inconstante*, se assemelha tanto às coxias teatrais, com elementos vermelhos em sua verticalidade a marcar a composição – e de certezas líquidas, Conti Melo também deixa mais fluida sua técnica. Ele flerta com o desenho ao enfatizar o traço e não preencher ao todo alguns pequenos planos retangulares em *Não Haverá Nunca uma Porta* e faz com que o incompleto e o residual sejam perceptíveis em, especialmente, *Tentação de Descer no Meio do Caminho*. Paralelamente, suas peças menores, como *Labirinto com Saída para o Caos*, são pontos condensados de atração, com o diálogo cromático obtido entre o cinza mais escuro do chão e o púrpura e o verde presente em formas regulares, que terminam como por criar armadilhas para o nosso olhar.

Conti Melo, então, lida com o racional, o planejado e o sedutor, para, a seguir, quebrar expectativas que buscam o mais harmônico. Seus espaços não exibem figuras humanas nem objetos e se configuram pouco habitáveis. São tipos de ambientes sci-fi, mas desprovidos da mobília vintage e de equipamentos 'tecnológicos-modernos' que ajudaram a celebrar o status cult de filmes como *2001 – Uma Odisseia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick. Entre passagens e labirintos, testemunham um descontrole à espreita, que, no entanto, não explode.

O registro plástico de Conti Melo ressoa tanto as letras labirínti-

cas de Cortázar quanto o manifesto urbano desconcertante de Koolhaas. "Curiosamente, a visão da proa lhe aparece com tanta inaturalidade como se tirasse da parede um quadro e, sustentando-o horizontalmente nas palmas das mãos, visse afastarem-se do primeiro plano as linhas e os volumes da parte superior, mudarem todas as relações pensadas verticalmente pelo artífice, organizar-se outra ordem igualmente possível e aceitável"³, escreve Cortázar a respeito de do pensamento do personagem Pêrsio, no romance *Os Prêmios*. "Cada edifício se tornará uma 'casa'. [...] Em cada andar, a 'cultura da congestão' organizará combinações inéditas e divertidas de atividades humanas. Com a 'tecnologia do fantástico', será possível reproduzir todas as 'situações' – da mais natural à mais artificial –, onde e sempre que se desejar. Cada cidade dentro de uma outra cidade será tão única que atrairá seus habitantes naturalmente [...]. A 'cultura da congestão' é a cultura do século 20"³, decreta o arquiteto e teórico holandês. Em tempos de hiperrealidade, circulação maximizada de imagens e informações e vida em rede (ainda que em estado de congestão e com ramificações intrincadas), a artista paulistana empreende proposições visuais nada simples. Experiências singulares de cor, planos, linhas e respingos, mesmo em dias conturbados e perplexos.

Mario Gioia

1. MONTANER, Josep Maria. *A Modernidade Superada*. Barcelona, Gustavo Gili, 2001, p. 49 | 2. MONTANER, Josep Maria. *Idem*, p. 50 | 3. CORTÁZAR, Julio. *Os Prêmios*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, p. 49 | 4. KOOLHAAS, Rem. *Nova York Delirante*. São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 151

Bridges

There is a series of works by Adriana Conti Melo that anticipates the paintings contained in the exhibition *Estás Dentro* [You're Inside]. They are very interesting pieces that prove the artist's pictorial mastery and continue her previous research, disclosing backstage records. However, what most calls attention is how figuration seems to lose its central role. The compositions that serve as background gain an increasingly primary, necessary position and alleviate the centrality of the things that 'pose' to Conti Melo's paintbrushes. Thus, a trivial office chair and a decorative garden bell, for example, are camouflaged and become frail in comparison with the seductive game of planes, lines and colors the artist creates.

Now, as for the paintings from the series *Lugares Labirínticos* [Maze Like Places], these architectures that contain imagination, virtuality and lack of definition take over the chassis, resulting in works of strong physicality – *Não Haverá Nunca uma Porta* [There will Never be a Door], for example, is 1,80 m x 2 m. By emphasizing these elements that oscillate between a tangible reality and projections that remain in the level of ideas, Conti Melo creates a path of risks; however, at the same time, she adheres to a contemporary indetermination and ambiguity that add more restlessness to her poetic.

"I am looking for a place, but I don't know which one", says the artist. "In the pursue of a new reality based on nomadic architectures, mediatic spaces, non-places and interconnections in cyberspace, what is the extent

of the conventional idea of place? The architecture as space and the city as coordinated structure will be dissolved or, on the contrary, space and place will always be necessary due to their legibility-related and identity-related role?"¹, questions the Spanish critic Josep Maria Montaner. "The place and the non-place – just as space and anti-space – are extreme polarities. Space is something that is almost never perfectly delimited, just as anti-space, which is almost never infinitely pure. Place is something that can never be fully eliminated and the non-place is never radically closed. In our current condition, spaces, anti-spaces, places and non-places are intertwined to one another, complement one another, interpenetrate one another and coexist."²

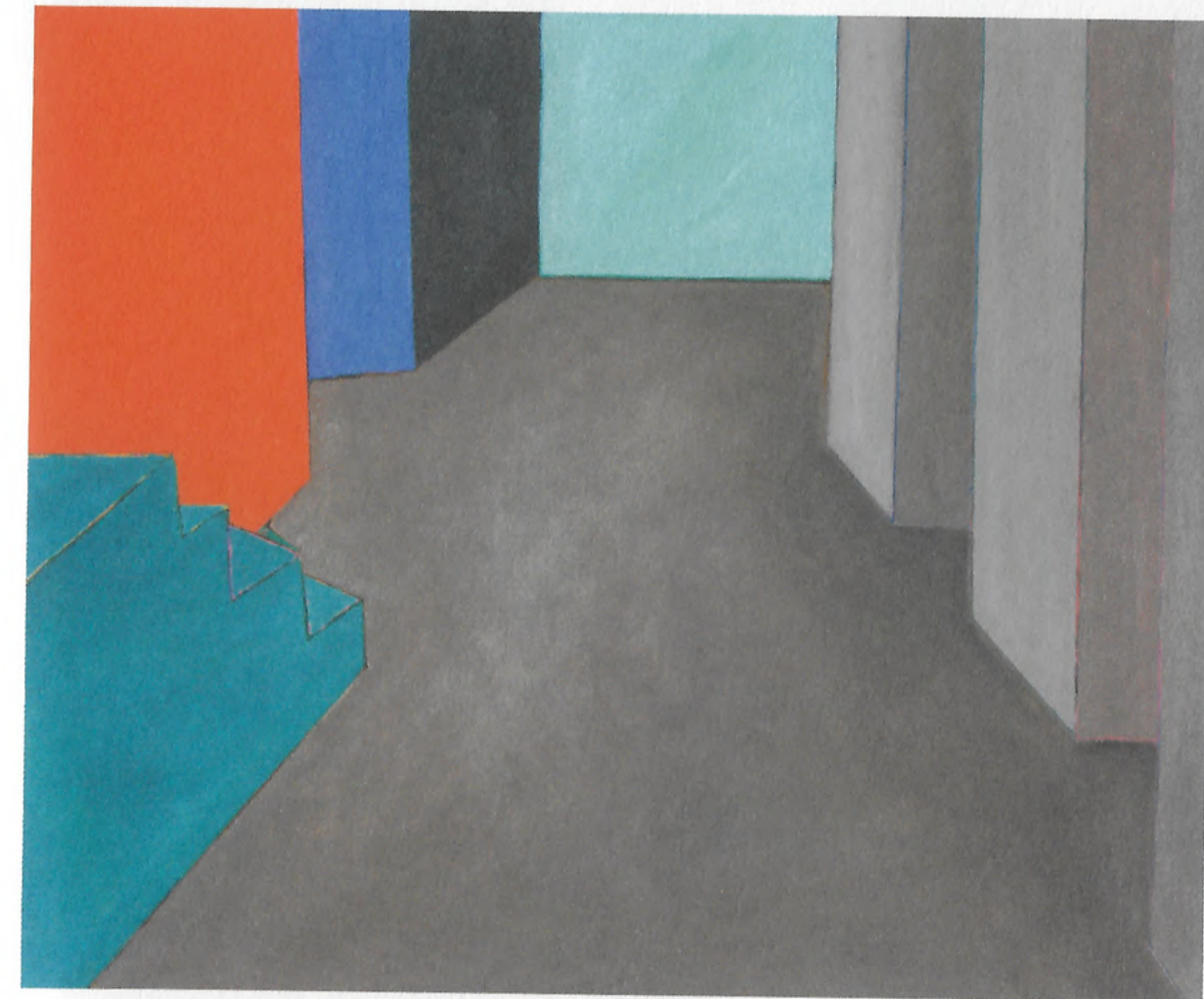
In this hybrid scenario – one of her new paintings, *Abismo Inconstante* [Inconstant Abyss], is, not by chance, similar to the wings in a theater, since it has red elements marking the composition lengthwise – and with liquid certainties, Conti Melo also gives more flow to her technique. She comes closer to drawing when she emphasizes the line and does not fill completely some of the small rectangular planes in *Não Haverá Nunca uma Porta* and when she puts in evidence what's incomplete and residual, especially in *Tentação de Descer no Meio do Caminho* [Temptation of Descending Half Way Through]. Simultaneously, her smaller pieces, such as *Labirinto com Saída para o Caos* [Maze with an Exit to Chaos], are condensed points of attraction, with a chromatic dialogue that is obtained from between the darker shade of grey of the floor and the purple and the green that are present in regular shapes that make traps for our eyes.

Conti Melo, then, deals with what's rational, planned and seductive to later end with expectations that seek what's more harmonic. Her spaces do not show human figures or animals and are little habit-

able. They are a sort of sci-fi environments that have no vintage furniture or “modern-technological” equipment that helped to establish the cult status of films, such as Stanley Kubrick’s 2001 – A Space Odyssey (1968). Among passages and mazes, there is an imminent loss of control that, however, does not take place.

Conti Melo’s visual register echoes both Cortázar’s maze-like letters and Koolhaas’ disconcerting urban manifesto. “Curiously, the view of the bow seems so unnatural to him as if he has removed the painting from a wall and, while holding it horizontally in the palm of his hand, he saw the lines and volumes of the upper part move away from the foreground, he saw all relations vertically conceived by the artisan change, the organization of another order, equally possible and acceptable,”³ wrote Cortázar about the thought of Persio, a character of the novel *Os Prêmios* [The Winners]. “Each building will become a ‘house’. [...] In each floor, the ‘culture of congestion’ will organize unseen and fun combinations of human activities. With the ‘technology of the fantastic’, it will be possible to reproduce all the ‘situations’ – from the most natural to the most artificial –, wherever and whenever one wishes to. Each city within another city will be so unique that it will attract its inhabitants naturally [...]. The ‘culture of congestion’ is the culture of the 20th Century”⁴, affirms Koolhaas, Dutch architect and theoretician. In times of hyper-reality, maximized circulation of image and information, and life in network (even though in a state of congestion and with intricate ramifications), the artist from São Paulo dares to present visual propositions that are not simple at all. Unique experiences of color, planes, lines and drops, even in troubled and confused days.

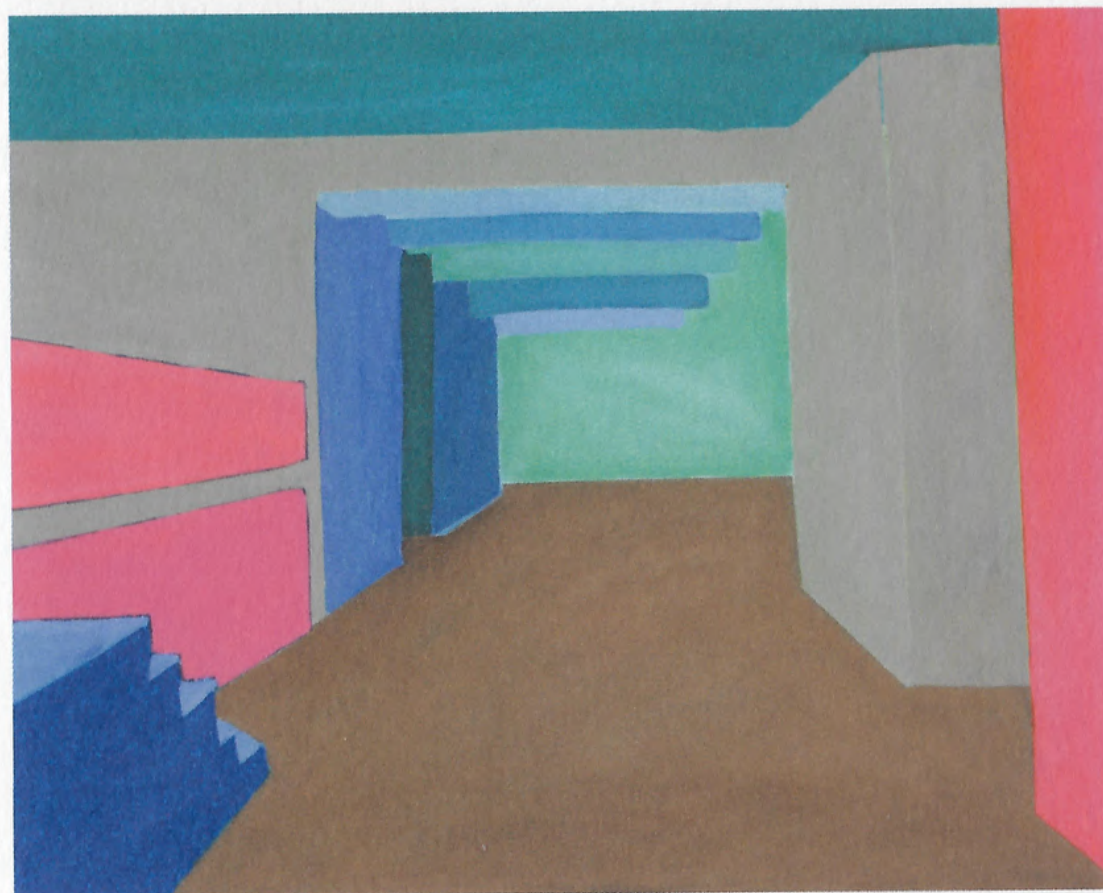
Mario Gioia



Imaginário da solidão | *Imagination of loneliness*
o.s.t 1,00 x 1,20

Páginas anteriores | Previous pages:

Abismo inconstante | *Inconstant abyss*
a.s.t. 1,70 x 1,50



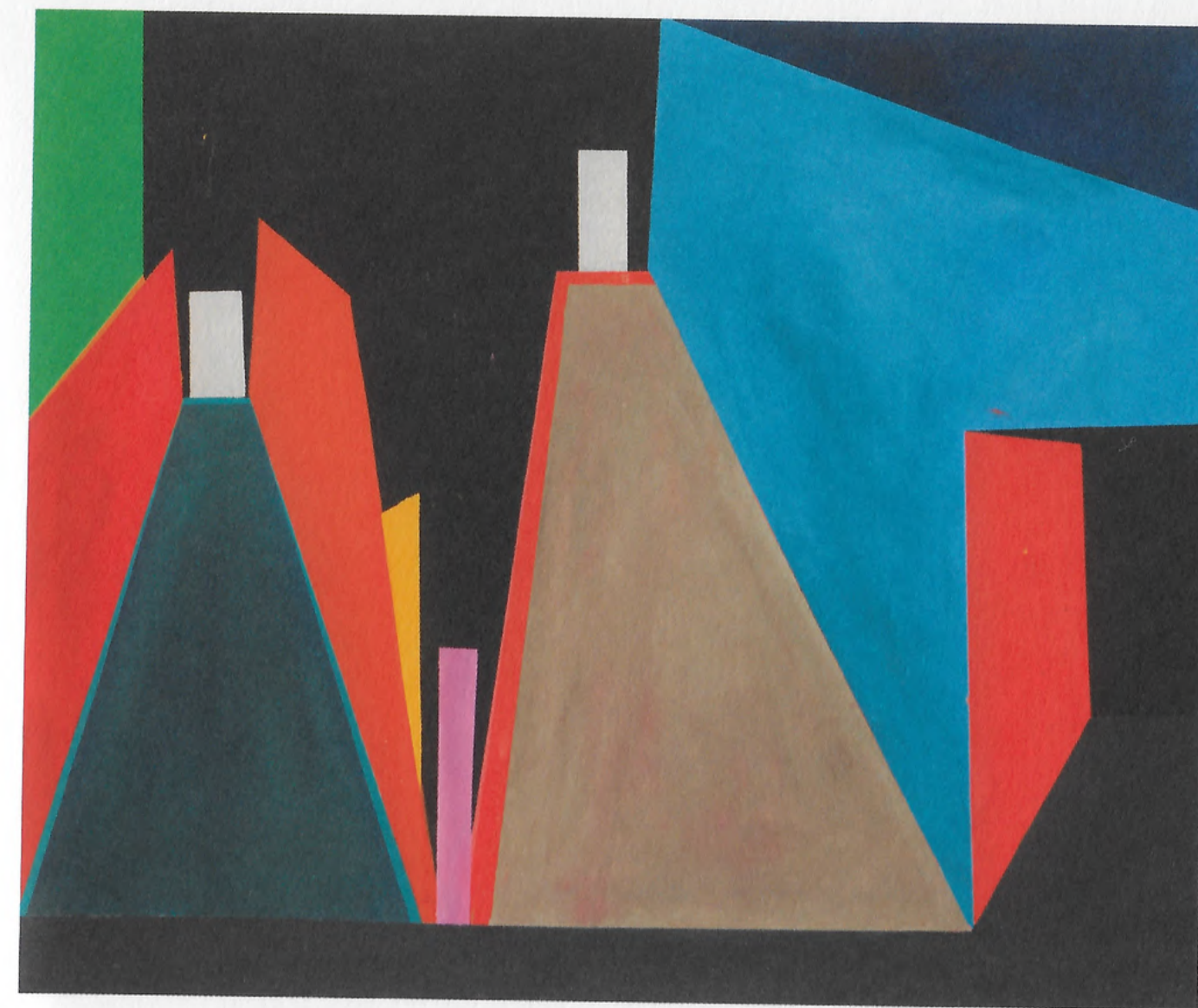
A cor que não habito | The color I don't live in
o.s.t. 0,80 x 1,00



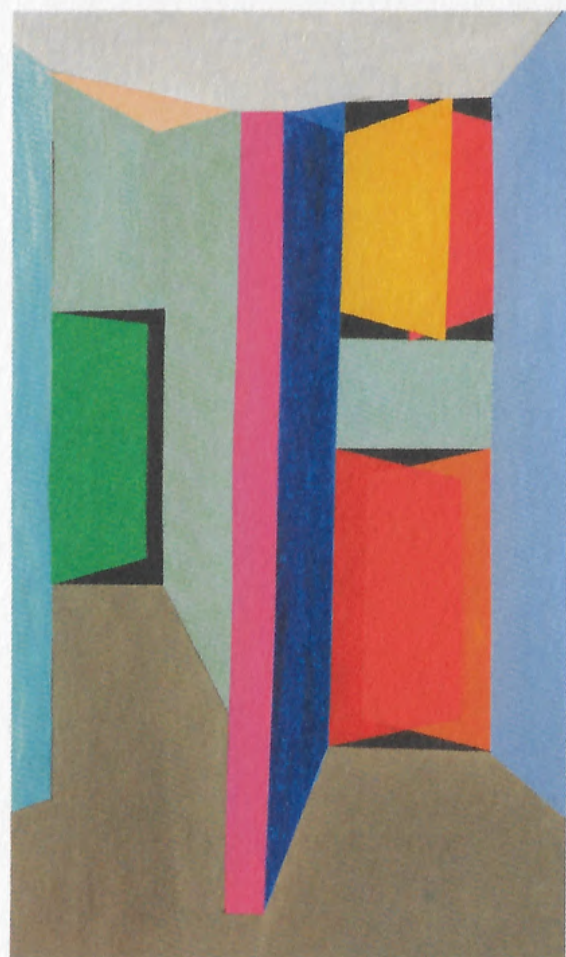
Labirinto com saída para o caos | Maze with an exit to chaos
a.s.t. 1,0 x 0,80



Tentação de descer no meio do caminho | Temptation of descending half way through
o.s.t 1,50 x 1,80



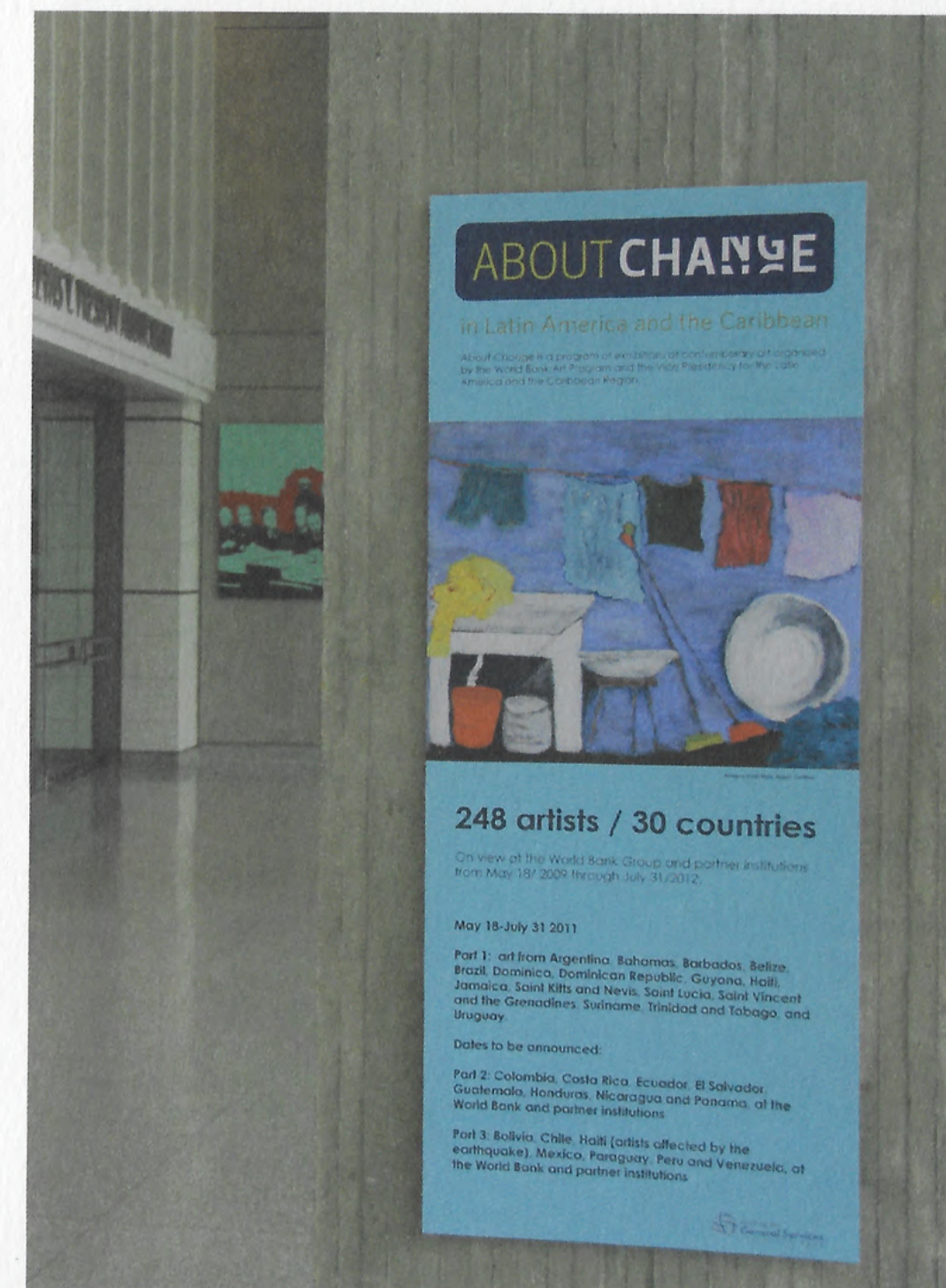
Planos para organizar o mundo | Plans to reorganize the world
a.s.t. 1,50 x 1,80



Atravessando fronteiras | Crossing borders
a.s.t. 1,28 x 0,74



Espaços encontrados | Spaces that were found
a.s.t. 1,28 x 0,70



About change



Sem título | *Untitled*
o.s.t. 1,00 x 1,00

Sem título | *Untitled*
a.s.t. 1,60 x 1,50

Sem título | *Untitled*
a.s.t. 0,50 x 0,60

Sem título | *Untitled*
a.s.t. 1,80 x 1,50

Fidalga no Paço das Artes



Intimidade coletiva | *Collective intimacy*
o.s.t. 1,87 x 1,57

Intimidade coletiva II | *Collective intimacy II*
o.s.t. 1,96 x 1,60



A d r i a n a C o n t i M e l o

1965. Vive e trabalha em São Paulo
graduou-se em Desenho Industrial no Mackenzie.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

Espaço iluminado de uma intensa irreabilidade MACRS | Porto Alegre, 2013

Estás dentro – Galeria Central/Ímpar | São Paulo, 2012

EXPOSIÇÕES COLETIVAS:

Aluga-se na Dconcept – Galeria Dconcept | São Paulo, 2012

Aluga-se ville – Galeria Central | São Paulo, 2012

Independência ou morte – Ateliê Fidalga | São Paulo, 2012

Quase a última foto – Fotogaleria Virgílio Calegari | Porto Alegre, 2012

Meio quilo – Museu Eugenio T Leal | Salvador, 2011

Galeria Ímpar – São Paulo, 2011

Convivendo com arte – Conhecendo Artistas Banco Santander | SP, 2011

Boîte Invaliden – Invaliden1 | Berlim, 2011

About change – World Bank | Washington DC, 2011

PhotoFidalga – Quase Galeria | Porto/Portugal, 2010

Ateliê Fidalga no Paço das Artes – Paço das Artes | São Paulo, 2010

Nos limites da arte – Ateliê Fidalga – Funarte SP | São Paulo, 2009

PhotoFidalga – Carpediem | Lisboa, 2009

COLEÇÕES PÚBLICAS:

MACRS, *Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul* – uma das obras que compõem a Caixa Independência ou Morte.

MARGS, *Museu de Arte do Rio Grande do Sul* – uma das obras que compõem a Caixa Independência ou Morte.

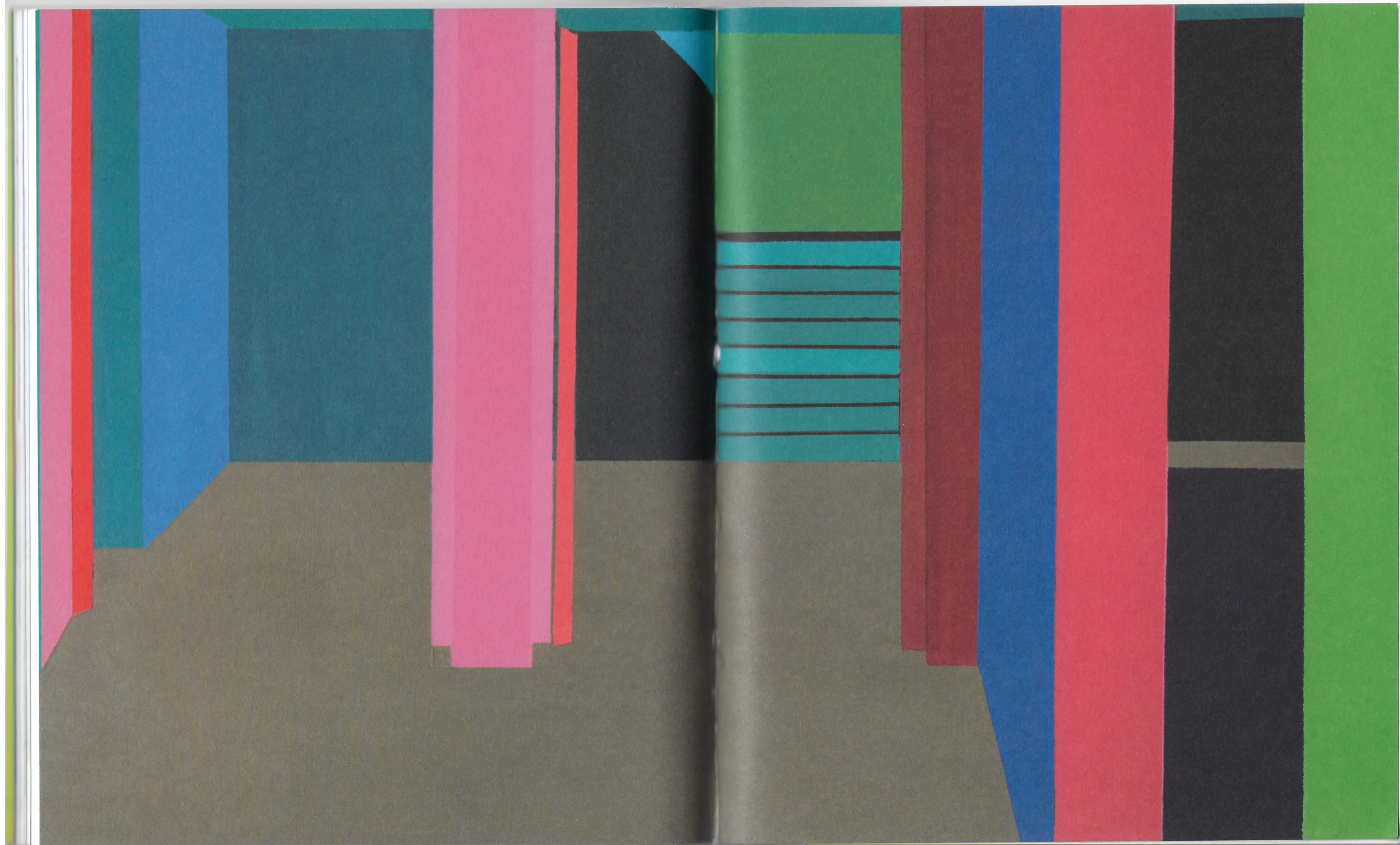
MACRS, *Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul* – Obra: Mundo isento de rumores – acrílica sobre tela – 2013.

A g r a d e c i m e n t o s

Correr o risco me ligou à Shirley Paes Leme, pessoa muito importante na minha trajetória, a quem devo o empurrão e o incentivo e por quem sempre terei muito carinho.

Prefiro as cores às palavras, e mesmo que a memória e a lembrança perfaçam o meu trabalho, temo que as minhas esqueçam pessoas que, sabendo ou não, mudaram minhas atitudes e pinceladas. Para esta exposição, as conversas com a Kátia, embora curtas, diante da vontade de se prolongar, foram profundas. O André Venzon, pode representar minha gratidão ao pessoal do MACRS, vou carregar um carinho grande por esse museu por esse desafio da arte contemporânea no sul do Brasil. O Marcelo, o Felipe e o Tigo foram fundamentais na montagem.

Minha família que, no mínimo - e bota mínimo nisso - suportou a ausência de noites, dias e madrugadas em que eu me encontrava debruçada nas pinturas, palpitando, ajudando a carregar, fotografar, comprar material de última hora. Um beijo enorme para o Marcelo, o Gustavo e a Luiza. Agradeço à minha mãe, cuja casa e história de vida impactaram a minha pintura, mesmo que de forma involuntária, e à lô, agregada do coração. E também ao pessoal da editora, a quem sobrou um tanto com a minha ausência. Entre os amigos espero a compreensão de todos para a falta de espaço e de tempo necessários para contar o quanto me influenciaram. E acho que o menos incorreto é apelar para ordem alfabética: Albano Afonso e Sandra Cinto (e Fidalgos); Dedeia Meirelles; Ding Musa; Josué Mattos; Marina Saleme; Mario Gioia; Paulo Pasta; Paulo Whitaker; Silvio Dworecki; Tales Ab'Saber; Yara Dewachter (e colegas de Aluga-se).



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

GOVERNADOR

Tarso Genro

SECRETÁRIO DE CULTURA

Luiz Antonio de Assis Brasil

SECRETÁRIO ADJUNTO DE CULTURA

Jéferson Assunção

DIRETORA DO INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS

Vera Pellin

DIRETOR DA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Manoel Henrique Paulo

DIRETOR DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS

André Venzon

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo José de Souza

Daniel Skowronsky

Daniela Corso

Joel Fagundes

Lena Kurtz

Márcio Carvalho

Margarita Kremer

Patricia Fossati Druck

Paula Ramos

Paulo Gomes

Renato Malcon - Presidente

Valpírio Monteiro

Vera Chaves Barcellos

COMITÊ DE ACERVO E CURADORIA

Bernardo José de Souza

Paula Ramos

Paulo Gomes

Vera Chaves Barcellos

Walter Karwatzki

ESTAGIÁRIOS

Felipe Schulte

Marcelo Chardosim

Tigo Weiler

ESTAGIÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Deisy Formolo - Museologia/UFRGS

Leila Coffy - Artes Visuais/UFRGS

Marjory Kuhn - Museologia/UFRGS

Mireli Oliveira - Museologia/UFRGS



Secretaria da Cultura



ESPAÇO ILUMINADO DE UMA INTENSA IRREALIDADE

Projeto gráfico: Adriana Conti Melo e Bruno Genovez

Produção gráfica e diagramação: Bruno Genovez

Versão inglesa: Marcia Macedo

Fotos: Anderson Astor p.12 - 17

Everton Ballardin p. 42, 49, 50,- 54, 57

Ding Musa p. 56

Leo Finotti p. 4, 6, 18, 19, 23, 25, 27 - 29, 31, 33, 35, 37 - 41

Marcelo Fonseca p. 2, 3

Os títulos dessa exposição foram inspirados na obra de Mario Quintana.

www.adrianacontimelo.com.br

contato@adrianacontimelo.com.br

55 11 3094 2511

Apoio:

MATTOS FILHO > Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados